

NOTAS POÉTICAS DE UMA PESQUISA-VIAGEM

POETIC NOTES FROM A TRAVEL-RESEARCH

NOTAS POÉTICAS DE UNA INVESTIGACIÓN-VIAJE

Laís de Paula Pereira¹

Resumo: Os fios da escrita deste texto deslocam e deslizam por entre as potências do ser que não é, do tempo que não marca, do espaço heterogêneo das brechas, do ser e não ser. Costuram a potência poética por entre fissuras de um texto acadêmico, fruto de uma pesquisa de mestrado viajante, navegante, cambiante realizada junto aos caiçaras das comunidades tradicionais da porção sul da Península da Juatinga, localizadas em Paraty, RJ. Diante das inquietações que emergiram no decorrer da atividade investigativa – *Como transpor as experimentações de um devir e uma escuta que se propôs nômade em campo para o texto da dissertação? Como colocar em palavras um campo que fez com que a pesquisa ganhasse vida própria e extrapolasse as supostas fronteiras existentes entre pesquisadora e pesquisados?* –, o presente trabalho levanta questões a respeito das metodologias, epistemologias, escritas e dualidades postas entre pesquisados e pesquisadores nas pesquisas acadêmicas em educação. O seu objetivo é criar rotas de fuga disruptivas com a geometria ordenada do pensamento moderno e explorar o caráter sensível e perceptivo da escrita poética – o que não significa fazer poesia, mas fazer da escrita um gesto – a partir do entrelaçamento das intervenções poéticas tecidas no texto de dissertação e as tramas da trajetória de um devir-pesquisadora. Desvios de uma linguagem que se pretende linear e produtora de conhecimento que abrem espaço para um outro território narrativo, político, estético e conceitual desde o qual o encontro com o Outro se faz possível.

Palavras-chave: Educação; práxis poética; cartografia.

Abstract: The threads of this text's writing displace and slide through the potencies of the being that is not, of the time that does not mark, of the heterogeneous space of gaps, of being and not being. They sew the poetic potency between cracks in an academic text, the result of a traveling, navigator, changing master's research carried out with the traditional communities of traditional communities in the southern portion of the Juatinga Peninsula, located in Paraty, RJ. Faced with the concerns that emerged during the investigative activity – *How to transpose the experiments of a becoming and a listening that proposed itself as a nomad in the field to the text of the dissertation? How to put into words a field that made research take on a life of its own and went beyond the supposed existing borders between researcher and researched?* –, the present work raises questions about the methodologies, epistemologies, writings and dualities posed between researched and researchers in academic research in education. Its objective is to create disruptive escape routes with the orderly geometry of modern thought and explore the sensitive and perceptive character of poetic writing – which does not mean making poetry, but making writing a gesture – from the intertwining of poetic interventions woven in the dissertation text and the plots of the trajectory of a researcher-becoming. Deviations from a language that intends to be linear and knowledge-producing that open space for another narrative, political, aesthetic and conceptual territory from which the encounter with the Other becomes possible.

Keywords: Educations; poetic praxis; cartography.

¹ Universidade Federal Fluminense.

Resumen: Los hilos de la escritura de este texto se desplazan y se deslizan por las potencias del ser que no es, del tiempo que no marca, del espacio heterogéneo de lagunas, del ser y no ser. Cosen la potencia poética entre grietas en un texto académico, fruto de una investigación itinerante, navegante, cambiante de maestría realizada con las comunidades tradicionales de la porción sur de la Península de Juatinga, ubicada en Paraty, RJ. Ante las inquietudes que surgieron durante la actividad investigadora – *¿Cómo trasladar los experimentos de un devenir y una escucha que se proponía como nómada en el campo al texto de la disertación? ¿Cómo expresar con palabras un campo que hizo que la investigación cobrara vida propia y traspasara las supuestas fronteras existentes entre investigador e investigado?* –, el presente trabajo plantea interrogantes sobre metodologías, epistemologías, escritos y dualidades planteadas entre investigados e investigadores en la investigación académica en educación. Su objetivo es crear rutas de escape disruptivas con la geometría ordenada del pensamiento moderno y explorar el carácter sensible y perceptivo de la escritura poética – que no significa hacer poesía, sino hacer de la escritura un gesto – a partir del entrelazamiento de intervenciones poéticas tejidas en el texto de la disertación y las tramas de la trayectoria de un investigador-devenir. Desviaciones de un lenguaje que pretende ser lineal y productor de conocimiento que abren espacio a otro territorio narrativo, político, estético y conceptual desde el que se hace posible el encuentro con el Otro.

Palabras clave: Educación; praxis poética; cartografía.

Introdução

A disposição do poeta para escutar é particular, no sentido de que atende, não só ao que é dito ao seu redor, mas, também, a essa relação tão fugidia entre som e sentido ou, melhor dito, essa atenção sobre como soa aquilo que é pronunciado. O poeta, a poesia, é uma voz que escuta.

Carlos Skliar, 2014, p. 24

Os fios da escrita deste texto deslocam e deslizam por entre as potências do ser que não é, do tempo que não marca, do espaço heterogéneo das brechas, do ser e não ser. Costura notas poéticas por entre fissuras de um texto acadêmico, fruto de uma pesquisa de mestrado viajante, navegante, cambiante realizada junto aos caiçaras das comunidades tradicionais da porção sul da Península da Juatinga, localizada em Paraty, RJ. O presente trabalho busca, portanto, entrelaçar essas notas poéticas tecidas na pesquisa-viagem intitulada *(des)afinando os sentidos: experimentações de um devir-caiçara* (PEREIRA, 2018) – realizada pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE-UFF) – com as tramas da trajetória de um devir-pesquisadora desde uma “praxis poética na educação” (BÁRCENA, 2005).

Minha(s) história(s) se escreve(m) sem “Justificar (Ctrl + J)”. Segundo o Word, justificar é “distribuir o texto uniformemente entre as margens. O texto justificado proporciona as bordas limpas e nítidas ao documento (...)”. Ora, como criar uma margem uniforme numa história construída a partir de mapas de extensão com infinitos trajetos? São muitos os deslocamentos que me fizeram estar onde estou e eles não são lineares. Os espaços justificados, estriados e esquadrinhados são recortados, codificados e regulados por aparatos de controle, no entanto, vão sendo bifurcados em processos de desterritorialização, abrindo brechas para territórios lisos e nômades (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Logo, ao meu ver, “Alinhar à esquerda (Ctrl + Q)” faz mais sentido: “Alinhar o conteúdo à margem esquerda. O alinhamento à esquerda costuma ser usado para o texto do corpo e facilita a leitura do

documento”, possibilita entranças e está aberto aos movimentos a cada linha. O espaço se faz liso e vetorial, marcado pela multiplicidade, pelos fluxos abertos e diferenciais. Assim, enquanto escrevo, as fronteiras e as medidas vão perdendo espessura e ganhando porosidade e me permito fazer dessa escrita uma escrita nômade, marcada por mapas de intensidades.

Mapas que versam acontecimentos que se tornaram perceptíveis no momento em que escapamos de uma concepção monolítica sobre o lugar e o funcionamento da metodologia de pesquisa em educação e fissuramos metodologias por uma poética da produção de sentidos (ROMAGUERA; ANDRADE, 2020). Ainda que o rigor acadêmico tenha acompanhado a atividade investigativa, as potências dos fluxos levantaram questões a respeito da tela endurecida que fixa as epistemologias, as metodologias, as escritas e a persistente dualidade posta entre pesquisados e pesquisadora. Ao tomar o diário de bordo, as fotografias e os afetos como dispositivos metodológicos poéticos no campo da educação, foi possível instaurar narrativas menores, diferentes e dissonantes na pesquisa.

Em meio a tantos desvios, as seguintes questões emergiram no decorrer da pesquisa-viagem: *Como transpor as experimentações de um devir e uma escuta que se propôs nômade em campo para o texto da dissertação? Como colocar em palavras um campo que fez com que a pesquisa ganhasse vida própria e extrapolasse as supostas fronteiras existentes entre pesquisadora e pesquisados?* Diante de tais inquietações, este trabalho objetiva criar rotas de fuga disruptivas com a geometria ordenada do pensamento moderno e explorar o caráter sensível e perceptivo da escrita poética (SKLIAR, 2014) de uma pesquisa acadêmica – o que não significa fazer poesia, mas fazer da escrita um gesto – a partir da trajetória de um devir-pesquisadora e das intervenções poéticas tecidas no texto de dissertação.

Inspirada em Deleuze (1992), que nos diz que “Criar não é comunicar, mas resistir” (p. 179) e tendo como ponto de partida uma metodologia poética, cartografei (PASSOS; KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015) o meu olhar, a minha escuta e a minha escrita, de modo a permitir que novas percepções e afetos surgissem através de invenções, criações e deslocamentos de sentidos enquanto pesquisava e criava o meu diário de bordo. Dessa maneira, foi possível acompanhar e executar o que muitas pesquisadoras e pesquisadores diriam ser “notas erradas”, pois compõem o “bota fora” de uma pesquisa acadêmica dentro dos moldes: o que “deu errado” em campo, os entre-laços [afetos, subjetividades, linhas de fuga], os desencontros, as foto-não-grafadas, as fotografias sem foco, as entre-grafias, os processos da pesquisadora etc. Tais notas, no entanto, são tomadas como notas poéticas nesta pesquisa-viagem. Uma busca por gestos outros, que emergem de diferentes temporalidades; de diferentes vozes descobrindo meios de acomodação; de uma multiplicidade de trajetórias, leituras e narrativas.

Poderia escolher ir direto de barco para Martim de Sá. No entanto, escolho ir metade de barco e metade de trilha. Me encanta a trilha feita de Pouso da Cajaíba até Martim. De longe, ainda no barco, quando nem entendo (e será que em algum momento entendo?) se o que está por vir é um continente ou mais uma ilha, já avisto um vale que compõe a paisagem daquela terra. Tem muito mar pela frente (é que o mar tem dessas coisas de enganar a gente e parecer que tudo é logo ali), a viagem é longa, e a expectativa de chegada só vai aumentando à medida em que percebo que o vale, antes quase camuflado naquela paisagem toda, vai se definindo melhor. É uma fissura na mata que sobressai aos meus olhos. O vale contém a trilha, que contém conectivos. Como um mapa, essa trilha é viva, é aberta, conectável, suscetível de receber e fazer modificações constantemente. Percebo que o traçado se faz nas diversas caminhadas: cada pessoa que passa ali, cada animal, cada chuva que cai ou vento que venta muda os seus percursos. A trilha vai se adaptando a montagens de qualquer natureza e está sempre ali.

Não é uma trilha fácil de ser trilhada. São 3 horas, das quais 1 hora é de subida intensa. Martim tem dessas coisas, é um lugar que coleciona intensidades. Para subir tem que ter muita

resistência, é como se estivéssemos indo contra a maré, contra forças que nos puxam para o lado oposto, para o chão, para a terra. Uma gravidade que agrava o aterramento. Enquanto caminho, resisto. O suor escorre pelo meu rosto e, ao longo da trilha, vai pintando um mapa que constela todo o afeto que tenho por aquele lugar. O trajeto e eu já não nos separamos, somos um só, de modo que nos movimentamos juntos, nos transformamos juntos e fazemos da trilha os poros que permitem fluir as nossas modificações, passo a passo. Ninguém me disse que seria fácil alçar voo, mas também já não tenho forças para permanecer com os pés no chão. Por isso singro, sigo, sinto, subo. Encontro nas nuvens a possibilidade de co-existir, resistir e devir.
(...)

A experiência do início: uma práxis poética na educação

Na tentativa de *trans-formar* o que achamos saber, de modo a não transmitir o já sabido, não explicar as “coisas” e deixar “um traço que poderá ser lido por outro” (SKLIAR, 2014, p. 26), procuro explorar o caráter sensível e perceptivo da escrita poética no texto acadêmico. Segundo Skliar (2014), a percepção do poeta faz com que ele não tenha uma teoria sobre o mundo, mas trace uma relação singular entre o escutado e o olhado – e o tocado, o ouvido, o recordado, o esquecido, o presente e o ausente – com sua escrita e, também, com sua oralidade. Partindo dessa perspectiva e das experimentações que se deram no decorrer da investigação de mestrado, tomo o conceito de “práxis poética na educação”, cunhada por Bárcena (2005), como inspiração para esse artigo. O autor nos leva a pensar as pesquisas na área de educação como uma abertura dos discursos dados, um novo começo em que não se tem uma relação do conhecimento com a verdade, mas com o sentido. Uma relação que não é excludente, classificatória e determinante, e que possibilita lidarmos com a diferença. Nas palavras do autor, “O poético como uma experiência de abertura: o acontecimento de estar não perante o mundo, mas *no* mundo, na incerteza e na contingência do que é aberto” (BÁRCENA, 2005, p. 164).

Uma práxis poética na educação é tanto uma aposta quanto uma busca de abertura para um outro território narrativo, político, estético e conceitual desde o qual o encontro com o Outro seja possível. Para Bárcena (2005), educar é permitir o encontro e, assim, o confronto com o estranho e o desconhecido, é possibilitar a experiência do início, do novo começo. Vista dessa forma, a experiência pode ser pensada como um acontecimento imprevisível, que produz a descontinuidade e a produção de narrativas poéticas – uma produção-outra, uma escrita que não precede aquilo com o que e para que escreve, mas busca pequenos gestos das existências mínimas (LAPOUJADE, 2017) para pensar a *vida que se faz* enquanto uma pesquisa acontece.

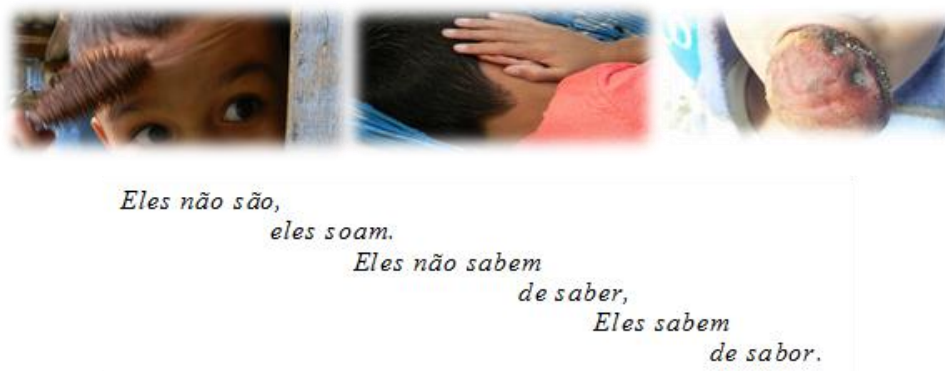


Figura 1: Experimentar – Fonte: Arquivo da pesquisa *(des)afinando os sentidos: experimentações de um devir-caiçara*

Ensejando práticas que sejam potências criativas de experimentações, ora através de palavras ora de foto-poesias, as seções que seguem irão narrar os deslocamentos que se deram no decorrer dessa pesquisa-viagem. A intenção é não limitar a investigação às representações e aos produtos, mas trazer à tona os processos que compreendem as intervenções poéticas e o devir-pesquisadora.



Certezas:
curvam-se,
umas
sobre
as outras,
dobrando-se.

Certezas:
curvam-se,
umas
sobre
as outras,
dobrando-se.

Certezas:

Figura 2: Novos começos – Fonte: Arquivo da pesquisa *(des)afinando os sentidos: experimentações de um devir-caiçara*

Metodologia poética

LANCEI-ME N'ÁGUA: COMO ABANDONAR O BARCO, EM PLENO ALTO-MAR?

A bordo desta viagem, pude perceber que o seu caminho não existia *a priori*, ele se fazia a todo momento no caminhar. E foi pelo compartilhamento do caminhar que eu, pesquisadora, e os caiçaras, pesquisados, nos relacionamos e nos codeterminamos. Vale ressaltar que conhecer o caminho implica um compromisso com a sua produção, (de)marca a inseparabilidade entre a pesquisa e o seu caráter intervencionista. “Entender que toda pesquisa é intervenção compromete aquele que conhece e quem (ou o que) é conhecido em um mesmo plano implicacional” (BARROS; PASSOS, 2015, p. 172).

Muitas são as pistas. Algumas passam batidas. Outras nos afetam de tal modo, que seria impossível não as perceber. Contudo, não “perdemos” nenhuma delas, umas remetem às outras, vão formando um conjunto de linhas em conexões. Elas se trans-formam mutuamente nesse processo e, assim, vamos encontrando o que não procurávamos e sendo encontrados pelo acontecimento.

Desde uma inversão metodológica – transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá* –, a Cartografia (PASSOS; KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015) se fez caminho metodológico poético possível e, sobretudo, aposta na experimentação do pensamento. Essa escolha permitiu que o rigor necessário a uma pesquisa fosse ressignificado e se aproximasse dos movimentos da vida, “a precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção” (PASSOS; KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015, p. 11). Escóssia e Tedesco (2015) nos contam que a cartografia como pesquisa não se restringe a descrever ou

classificar os contornos formais dos objetos do mundo, no entanto, preocupa-se em traçar seu processo [constante] de produção; e como prática de intervenção os atos de cartógrafo participam e intervêm nas mudanças e, principalmente, nas derivas transformadoras que aí se dão.

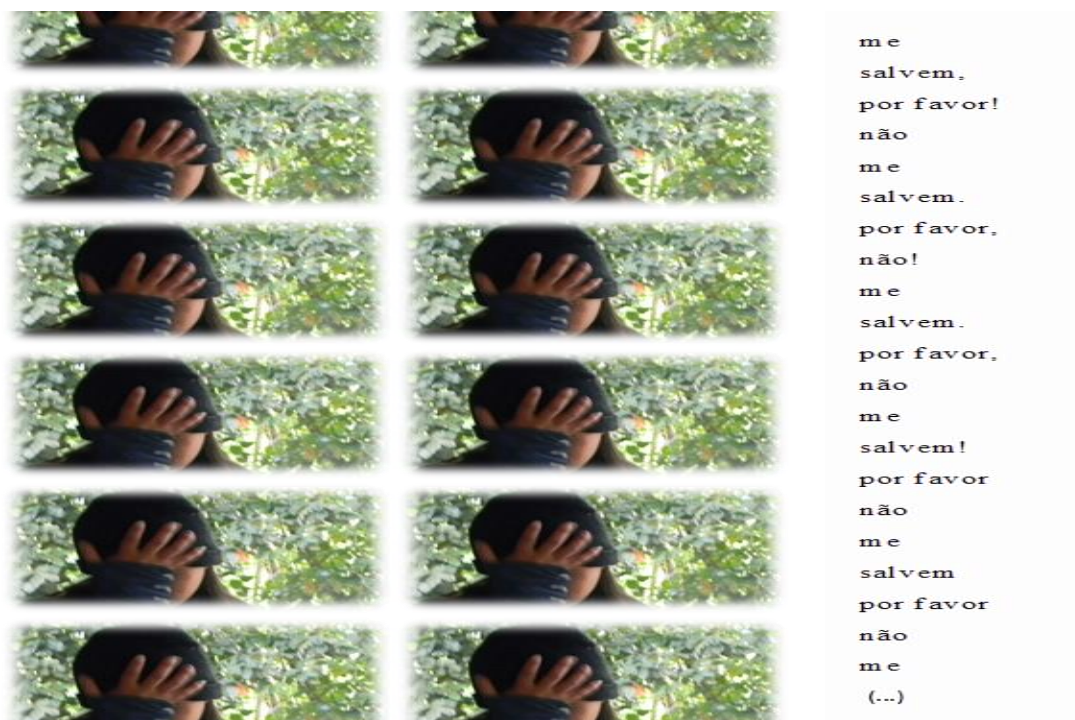


Figura 3: Desver e suspender o dado

Fonte: Arquivo da pesquisa *(des)afinando os sentidos: experimentações de um devir-caiçara*

Assim, para investigar processos sem deixá-los escapar por entre os dedos, foi produzido um diário de bordo no qual foram registrados os acontecimentos, as experiências e, inclusive, as narrativas produzidas e inventadas por meio da atividade investigativa. O diário, visto por Medrado, Spink e Mélo (2014) como uma carto-grafia (grafia de uma comunicação) de intensidades, teve inscrito nele a intensidade das minhas impressões e os possíveis movimentos sinuosos de ir e vir às anotações. Nessa direção, as próprias histórias constituíram dispositivos que acionaram outros modos de ver, ouvir e narrar o mundo de um jeito singular. O que chamo, aqui, de intervenções poéticas.

Como pode, apesar dos poderes, ainda resistir?
É ali, onde a vida se torna impossível, que ela cresce.
É ali, onde se constrói uma linha de fuga, que o devir floresce.

Vivemos na condição de sobreviventes.
Vivemos a experiência sem sabor, sem tom, sem som.

Somos convocados à terra nova,
experimental e explorar devires,
habitar a experiência poética e caótica do real.
Nesse despejo que se torna possível criar.

Intervenção poética I

Dou início às seções de intervenções poéticas com uma breve nota de viagem para contar que enquanto navega, um viajante se torna, ele mesmo, a “própria deriva continental”, isso e aquilo, uma vez que se encontra entre o embate das forças-continente e das forças-arquipélago (GODOY, 2008).

[nota de uma viagem]:

chego em Paraty, caminho até o cais dos pescadores e pego o barco que navega rumo à Martim de Sá e às outras tantas comunidades que estão no extremo sul da Península da Juatinga. Estar no cais conecta distantes, coloca por terra, assim, de primeira, a idealização de um caixara “bom selvagem”. São horas de uma viagem que acontece ao silêncio ruidoso das diferenças e ao som das afinidades. No caminho, muitos desvios. A todo momento encontramos, inesperadamente, ilhas que perturbam, causam um desconforto curioso e um curioso conforto. Nessa viagem o percurso ora se faz itinerário, ora se faz deriva, e o destino é quase uma incógnita: um continente ou uma ilha? É uma dúvida recorrente, que, inclusive, pode ficar sem uma resposta “verdadeira”.

No mapa do idêntico, um continente, no mapa de intensidades, uma ilha. Isso e aquilo.

A viagem que narro, nessas poucas linhas, também poderia acontecer por terra: caminha-se por trilhas, subindo e descendo, no decorrer de um dia inteiro. Essas trilhas seguem um itinerário que, nas entrelinhas, já vira desvio, novo percurso a ser seguido. Viajar rumo a Martim de Sá é um pouco de tudo isso, inventar percursos e seguir itinerários, encontrar continentes e ilhas, ir a pé e de barco, encontrar e desencontrar, é viajar por isso e por aquilo, por aqui e por acolá. O que importa nesta viagem não é a forma como se chega ao destino final, tampouco o destino final em si, mas como os navegantes se relacionam entre si e quais são as relações que estabelecem com a Terra. Nesse percurso nos desterramos e nos decompomos na “própria deriva continental”. Isso e aquilo.

Assim viajo. E viajar é criar a possibilidade de se colocar à deriva, é desterrar os pés do solo firme e enxergar o que há além. Mas, o que há além da terra firme? Essa é uma pergunta que não requer resposta, mas promove movimento: ir em busca do que está por vir. Ir à deriva.

Intervenção poética II

Busco, aqui, destacar a inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir, de modo a ressaltar o caráter intervencionista dessa pesquisa: “(...) a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção” (PASSOS; BARROS, 2015, p. 17). Dito isso, levanto a seguinte questão: como falar do caminho metodológico que inspira esse trabalho, a Cartografia, sem que, com isso, tenha que teorizar e me adequar aos padrões e normas acadêmicas? Como fazer da metodologia um gesto?

mapografar: a arte de distribuir afetos e construir trajetos e (...)

Acreditávamos no porto, diziam-nos seguro, que nele a felicidade era certa! Pois vejam só, lançamo-nos em alto-mar. Olhávamos de um lado ao outro e não víamos nada. O único contorno possível era a linha do horizonte, que ora se fazia presente, ora compunha um degradê entre céu e mar. Isso nos confundia, fazia com que nadássemos, mas também ficássemos estáticos. Não havia margem [visível], mas estávamos cercados. Era possível ver pássaros voando sobre nós e, de longe, alguns peixes saltitantes. Sozinhos. Contudo, atravessados por vidas. Como seria possível transpor essa linha? Deve existir uma linha de fuga e, provavelmente, ela escapa das linhas precedentes. Talvez dessa linha que nos foge sobrevenha um arquipélago, ou então essa linha faça uma curva sobre si e se faça presente. Não sei. Em alto-mar temos que contar com o inesperado, com o novo. Devemos desemaranhar as linhas que se mostram, agir contra o tempo

e a favor de um tempo por vir. Precisamos estar atentos ao desconhecido que nos surge, que pode vir a nos levar por desvios, mostrando mundos outros. Temos que nos deixar marear.

Em pleno alto-mar, à deriva, tentamos mapografar terras desconhecidas, moventes, que não podem ser descoladas dos processos em que surgem, sendo, elas mesmas, o movimento no processo. Mapografamos os possíveis funcionamentos de um mapa, na ordem da mobilização, da produção, dos deslocamentos, do constante remanejamento que se justapõem, ao invés de procurarmos, obstinadamente, por uma origem em mapas precedentes. Para Deleuze, “o mapa exprime a identidade entre o percurso e o percorrido. Confunde-se com seu objeto quando o próprio objeto é movimento” (DELEUZE, 1997, p. 73). Assim, não se trata de interpretar os mapas de trajetos, intensivos, trata-se apenas de detectar sua trajetória para ver se podem servir como pistas de “novos universos de referência suscetíveis de adquirirem uma consistência suficiente para revirar uma situação” (DELEUZE, 1997, p. 75-6).

(Parênteses)

Abrir espaços. Criar parênteses que dizem do que está nas entre-linhas; nos entre-mundos; nas entre-pistas. A importância deste parênteses reside tanto na sua intervenção política quanto no entre-cruzamento que faz da minha vida com a pesquisa de mestrado. Como não falar dos movimentos de um devir-pesquisadora em uma pesquisa que se fez em movimento, que teve como metodologia os movimentos das vidas que se faziam enquanto a pesquisa acontecia?

Entre-pistas [carta de um devir-mãe-pesquisadora]

Enquanto navego sou capturada pelos movimentos das águas do mar. Existe uma certa sincronia rebelde nas suas ondulações que me fascina. Há quem diga que um bom nauta é aquele que navega seguro e que consegue prever toda essa rebeldia dos mares. Eu, todavia, acredito que um bom nauta é aquele que singra e não sabe o que está por vir, mas segue atento ao novo que lhe surge e cria diferentes alternativas para continuar singrando.

Muitas são as vezes que me pego como o primeiro nauta, achando que posso contornar os fluxos e que tudo está sob controle. No entanto, olho para as águas por onde tenho navegado e me sinto como o navegante que nada sabe, mas está sempre pronto para o inesperado. Quando, em 2015, decidi que voltaria à universidade para fazer o mestrado, me parecia ter um itinerário a seguir: seleção do mestrado, aulas e trabalhos, reuniões de orientação, uma qualificação e uma dissertação a fazer e defender. Organizei a vida para que minhas metas previamente determinadas fossem alcançadas: tudo sob controle. Acontece que não me dei conta de quão linear era esse meu pensamento e nem imaginava as tormentas e as calmarias que encontraria no meu navegar.

Transbordei inseguranças, medos, alegrias, gratidão e, principalmente, as minhas próprias águas. Me vi grávida antes mesmo de ter terminado o processo seletivo para o ingresso no mestrado. Durante um bom tempo tive a certeza de que não era para seguir por este caminho, como também tive a certeza de que era um espaço de resistência e eu deveria sim, continuar no processo de seleção. Bom, entre certezas e incertezas, escolhi terminar o processo seletivo, sendo o resultado o que realmente iria me guiar nessa decisão final. Fiquei dias procurando na internet relatos sobre mães universitárias e leis que garantissem o mínimo a nós. Tentei saber um pouco de tudo para ver o que seria possível para mim. E seria possível? A mulher, quando grávida, já sente no corpo, nas pequenas decisões, nas insônias, no trabalho, nos estudos, nas inseguranças, no amor, na presença e na ausência de apoio, nos abusos, nas concessões e nas restrições (e por aí vai) o que é ser mãe. E ser mãe mestranda, como seria? O que estaria por vir?

Fiz a prova escrita enjoada e a entrevista sem contar que estava grávida. Será que deveria ter contado? Não sei, só sei que tive medo. Me calei. Me calaram. Não sei bem. Dias depois, quando soube da minha aprovação, fiquei muito feliz. Fiquei também com muito mais

medo. Sabia que ser mãe significava instaurar um novo modo de existência, no caso um devir-mãe-pesquisadora que surgia entre cobranças, choros, prazos, beijinhos, noites mal dormidas, cheirinho de neném, leituras intermináveis, colinhos e mamãs, escritas e saídas de campo, (...). Neste momento eu sabia pouca coisa, mas uma era certa: o meu caminho não era o itinerário da “bela, recatada e do lar”. Então, na resistência, decidi que a universidade era aonde eu queria estar, porque é, também, lugar de mulher: mãe, negra, branca, parda, indígena, favelada, quilombola, caçara... e acredito que devemos ocupá-la.

Antigamente, e isso não faz tanto tempo assim, às mulheres era proibido o ingresso na universidade, local destinado apenas aos homens brancos, dignos de estudo e detentores do saber. Atualmente, e isso diz do dia de hoje e de amanhã (infelizmente), as mulheres têm os mesmos direitos dos homens, o que pronuncia, ainda, uma ausência de direitos específicos para as mulheres. É um ponto em aberto. As mulheres têm outras demandas e necessidades e não possuem seus direitos assegurados na academia e nos seus “trametes”. E estamos no ano de 2018.

É necessário, é urgente, pensarmos e criarmos condições para que as mulheres possam realizar tanto o que desejam quanto o que precisam que seja realizado. A sensação que tenho é que nós temos que nos justificar a todo tempo por sermos mães. Explicar tudo, nos mínimos detalhes, para que entendam a nossa situação e tenham empatia por ela. A sensação é de que estou sempre pedindo um favor: licença maternidade, extensão do prazo para a qualificação, depois para a dissertação... E estou? Poxa, me parece que sim.

Para as mulheres sobra muito pouco, quase nada. Entramos em barcos já furados. Navegamos tirando água com os baldinhos que nos restam para sobrevivermos. Só que queremos mais do que ser simplesmente sobreviventes. Por isso resistimos. Não sem dor, mas resistimos. Queremos instituir modos de existência, queremos ser mulheres, mães, pesquisadoras, donas de casa, engenheiras, professoras, astronautas, heroínas, cowgirls e uma lista infinita de coisas. Queremos estar em todos os lugares sem medo, sem ter que ouvir que ali não é o nosso lugar, ou que “não vai ser possível participar de tal evento porque não temos estrutura para receber crianças”. Queremos ser reconhecidas por todas as nossas especificidades e todas as nossas potencialidades em devir. Nos inventar e (re)inventar sem ter alguém nos dizendo o que podemos ou não fazer, o que devemos ou não fazer.

Escrevo esse “entre-pistas” pela mulher que sou e por tantas outras que também são e não conseguem seguir seus sonhos por serem mulheres, por terem filhos, por não terem nessa sociedade, machista e misógina, políticas públicas e direitos reservados à maternidade e suas tantas variáveis. Me sinto privilegiada em poder e conseguir fazer o mestrado, com apoio da minha família e das relações afetuosas que construí com alguns professores e minha orientadora, Shaula. Mas ainda assim, acredito que isso não deveria ser um privilégio, deveria ser um direito de TODAS as mulheres.

Faço esse relato pois é aqui, também, que a minha pesquisa e vida se entrecruzam: na busca por afetos, resistências, movimentos, intervenções, trajetórias, derivas e devires. Ele versa sobre o mergulho que tive (tenho) que dar para chegar à superfície e pegar ar para continuar essa aventura criadora.

– Pausa para um respiro –

Passei toda a minha gestação pensando no mestrado. Depois todo o meu puerpério. E foi no decorrer do mestrado que pude sentir o que era gerar, parir e criar [a minha filha Lila]. Meu corpo foi tomado por novas águas, elas deixaram de seguir o seu fluxo habitual e pegaram desvios para constituírem a morada e o alimento de uma nova vida que me habitou por 41 semanas e 3 dias. Muitos usam a metáfora “pari minha filha” quando se referem a dissertação e o quão difícil foi escrevê-la. Eu não ousaria fazer uso desse termo tão visceral para falar da dissertação que vos apresento, mas não poderia deixar de relatar os afetos que foram sendo produzidos [e compõem essa atividade investigativa] no decorrer dessa criação dupla: dissertação e filha.

Navegar pelo mestrado com a Lila é estar entre tormentas e calmarias. Mas é, principalmente, bonito e muito fecundo. As minhas aulas ganharam sorrisos a mais quando ela estava. As saídas de campo tiveram os afetos aflorados com a sua presença. Arriscaria dizer, inclusive, que a Lila foi um dispositivo de fazer ver e falar nessa pesquisa. Incrível como uma criança conecta distantes. As pessoas se aproximam com maior facilidade na presença de uma criança, e ao contrário, a criança se aproxima e, conseqüentemente, nos aproxima. (...)

Conclusões

**No mar,
as ondas.
Foi tanto vento,
que impossível seria,
capturar o mo(vi)mento.**

Uma pesquisa-viagem. Uma aventura criadora da qual enfrento os riscos das escolhas que faço no percurso, uma vez que a intenção em cartografar não garante uma mapografia do meu olhar, da minha escuta, tampouco da minha escrita. Por isso me atenho aos fios soltos, às navegações que se deram à deriva em relação àquelas que tentaram seguir lineares os seus itinerários. Busquei, assim, desestabilizar a política da representação para olhar, conhecer e inventar narrativas outras, convocando as sensações a provocar múltiplos sentidos e rachaduras nas explicações e respostas que as pesquisas acadêmicas comumente convocam. Para que essa proposição se tornasse possível, arrisquei apresentar as narrativas e as foto-poesias ao longo do texto como intervenções poéticas (que são) que tratam, também, de teoria e processos de uma pesquisa acadêmica em educação.

Essa metodologia poética só se tornou possível aqui e na dissertação porque se propõe a produzir *afetos*, os quais também constituem dispositivos metodológicos nessa pesquisa-viagem. Na minha compreensão, são os fluxos diários desses dispositivos que nos permitem as experimentações, os (des)encontros, as conversas, a amplitude de relações e a produção de sentidos diversos. Os afetos não estão predeterminados, eles vão sempre mudando, afinando e desafinando, o que convoca outras escutas e outras histórias. Em suma, o entrecruzamento das fotografias, dos afetos e das narrativas que deles advêm, se transformaram mutuamente através de linhas de atualização. A esse respeito os dispositivos foram capazes de inventar conexões onde estas não existiam e provocar rachaduras e transbordar os modelos e seus contornos, transformando-os em linhas vivas cujos movimentos propiciam a produção de existências múltiplas, educações disruptivas e narrativas diferentes.

Essa pesquisa-viagem – que segue em movimento – é, portanto, uma aposta na invenção de outros modos de ser, estar e fazer pesquisa em educação. É uma pesquisa-movimento, é um gesto, uma atividade investigativa que transborda poéticas de escritas, imagens, pensamentos, afetos, encontros, metodologias, epistemologias (...). Uma pesquisa que (con)versa a vida. E por isso pulsa, é marcada pela multiplicidade, pelos fluxos abertos, pelas intervenções que é capaz de criar e as tantas outras que está aberta a perceber. Finalizo este artigo ressaltando o devir-pesquisadora em processo – mãe, mulher, pesquisadora, sonhadora, realizadora, educadora, feminista, brincante e crianciera – que, no gesto de pesquisar e pesquisar-se, buscou fazer das notas poéticas de uma pesquisa-viagem e, portanto, deste artigo, gestos múltiplos, possíveis e impossíveis. Fissura metodológica. Implicação, intervenção, criação e invenção de mundos outros, desde os quais irrompam práxis poéticas no campo da educação.



Figura 4: Das fissuras – Fonte: Arquivo da pesquisa *(des)afinando os sentidos: experimentações de um devir-caiçara*

Referências

- BÁRCENA, Fernando. *La experiencia reflexiva en educación*. Barcelona: Paidós, 2005.
- BARROS, Regina B.; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 172-200.
- DELEUZE, Gilles. Sobre a filosofia. In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 169-193.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 92-108.
- GODOY, Ana. *A menor das ecologias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane; MÉLLO, Ricardo P. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, M. J. et. al. (Org.). *A produção*

de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 273-294.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 7-16.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V. ESCÓSSIA L. (Org.). *Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17- 31.

PEREIRA, Laís de Paula. *(Des)afinando os sentidos: experimentações de um devir-caiçara*. 2018. 93f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2018.

ROMAGUERA, Alda Regina Tognini.; ANDRADE, Elenise Cristina Pires de. Problematicar pesquisas e educações: fissuras metodológicas em tons de criação. *Ensaio Pedagógicos*, Sorocaba, v. 4, n. 1, p. 17-26, jan.-abr. 2020. Disponível em: <http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/201>. Acesso em: 28 out. 2021.

SKLIAR, Carlos. *Desobedecer a linguagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Sobre a autora

Laís de Paula Pereira. Graduada em Ciências Biológicas (2010), tem mestrado em Educação (2018) e está doutoranda em Educação, todos pela UFF. Foi professora de Ciências pela Seeduc-RJ (2011-2012) e desde 2012 atua como coordenadora de projetos, coordenadora pedagógica e educadora ambiental junto a instituições públicas, privadas e do terceiro setor. Está Mediadora a Distância no curso de Ciências Biológicas pelo CEDERJ/UFRJ desde 2020 e atua junto ao Instituto de Arte TEAR desde 2021. Pesquisa na área de Educação, com ênfase em Educação Ambiental; práticas de conhecimentos, pensamentos e saberes ecológicos menores; comunidades tradicionais; Ensino de Ciências e Biologia; Educação Infantil, Literatura e formação de professores. Integrante do grupo de pesquisa “Entre-mundos: Ecologias, Pedagogias, Culturas”. Mãe da Lila desde 2016.

E-mail: laisbiouff@gmail.com.